

## APRESENTAÇÃO

O presente número da *Debates do NER* retoma, na sessão *debate*, o tema da transnacionalização religiosa, já abordado em seu fascículo 16, publicado em 2009. A visibilidade que pesquisas sobre o assunto vêm adquirindo nos últimos anos indica não somente seu vigor enquanto fenômeno a ser analisado, como também sua potência para a produção de novos modelos analíticos para as ciências sociais. Exemplo disso é a crítica às investigações que tendem a circunscrever práticas e signos analisados à uma suposta localidade, desconectada de processos mais englobantes. Nesse sentido, o debate sobre transnacionalização religiosa, aqui apresentado, lança alguma luz sobre questões metodológicas e procedimentos de pesquisas que articulam no seu horizonte o local e global como dimensões constitutivas da vida social.

O texto de Alejandro Frigerio, intitulado *A transnacionalização como fluxo religioso na fronteira e como campo social: Umbanda e Batuque na Argentina* é o artigo em pauta deste número da *Debates do NER*. Ocupando-se do que considera o exemplo mais antigo e massivo de transnacionalização das religiões afro-brasileiras, a saber, a difusão da Umbanda e do Batuque do Rio Grande do Sul para a Argentina e o Uruguai, o autor recupera os dados obtidos durante suas duas décadas de pesquisa dedicadas ao tema. Interessado em rever o crescimento dessas religiões no Cone Sul, Alejandro Frigerio detem-se na análise das estratégias de acomodação empregadas por seus praticantes, incluindo o desenvolvimento de narrativas de pertencimento às novas nações. Com isso, o autor sublinha a necessidade dos estudos de transnacionalização examinarem não somente a circulação de pessoas e/ou bens distintos de um país para o outro, como também atentarem para o estabelecimento de campos sociais que transcendem as fronteiras nacionais. Na sequência de seu artigo, Ari Pedro Oro, Maia Guillot, Renée de la Torre e Cristina Zuñiga apresentam seus comentários ao texto do antropólogo argentino que, na última parte da sessão debate, os responde. Ainda nesta sessão, apresentamos, oportunamente, a resposta de Renée de la Torre e Cristina Zuñiga aos comentários feitos ao artigo *Transnacionalización de*

las danzas aztecas y relocalización de las fronteras México / Estados Unidos, publicado na *Debates do NER*, n. 21.

A sessão *artigos* é iniciada com o texto Religiões e eleições 2012 em Porto Alegre, de Ari Pedro Oro e Erico Tavares de Carvalho Junior. Neste texto, os autores realizam uma análise das articulações entre religião e política por parte dos candidatos ao executivo municipal, na capital gaúcha. A partir da observação dos movimentos dos candidatos em direção às organizações religiosas, bem como de suas declarações de pertencimento religioso, o texto se soma a outras análises, publicadas noutros fascículos da *Debates do NER*, dedicadas à relação entre religião e política durante os pleitos eleitorais.

Os textos seguintes, embora diversos, convergem em seu foco de interesse empírico, religiões de matriz africana. Cauê Fraga, em “Tem que saber iniciar, tem que saber terminar”: o desfazer no batuque gaúcho, aborda o ritual do eru no lado Oyó do batuque do Rio Grande do Sul. A partir da noção de desfazer, o autor reconhece o ritual, em si, como importante para pensar as práticas que compõem o processo de fazer o santo e a pessoa, e as noções de vida e de morte nas diferentes religiões de matriz africana.

A antropóloga mexicana Nahayeilli Juárez Huet dedica-se, no texto Los procesos de relocalización de la santería en México: algunos ejemplos etnográficos, a descrever o modo pelo qual a crescente difusão da santería no México vem acompanhada por processos de imbricação com práticas religiosas locais. Trata-se de um contexto empírico em que, segundo Nahayeilli Huet, lógicas terapêuticas e rituais distintas imbricam-se e complementam-se com elementos e formas religiosas da santería.

O texto de Reginaldo Gil Braga, A primeira gravação etnográfica do batuque do Rio Grande do Sul (1946) e as (des)continuidades aparentes na tradição do tambor hoje, apresenta a recuperação de registros musicais das religiões afro-brasileiras no Rio Grande do Sul, recolhidos, em 1946, pelo Centro de Pesquisas Folclóricas da então Escola Nacional de Música, Universidade do Brasil, coordenada pelo pesquisador Luiz Heitor Corrêa de Azevedo. Nos discos recuperados, constam gravações de antigos tamboreiros, dos músicos rituais do Batuque, Pedro Barbosa, Antônio Costa, Odílio da Costa e Adão Conceição, e ainda entrevistas realizadas com dois sacerdotes,

Hugo Antônio da Silva e Rafaela Fagundes de Oliveira. A partir da etnomusicologia, o autor reflete sobre a continuidade e a mudança musical, dentro do culto e em relação a outros de tradição jêje-nagô que, praticamente na mesma época, receberam visitas de pesquisadores da academia que também realizaram gravações sonoras.

Por fim, o artigo de Rodrigo Marques Leistner, *Religiões de Matriz Africana do Rio Grande do Sul: entre conflitos, projetos políticos e estratégias de legitimação*, contextualiza as estratégias de legitimação social empreendidas pela comunidade afro-umbandista no Rio Grande do Sul. Para tanto, o autor procura compreender os aspectos morfológicos de legitimação, sobretudo em instâncias político-institucionais; detectar os mecanismos de articulação política engendrados na busca pela legitimidade; e analisar os principais discursos tomados como referência fundamental nos projetos de legitimação elaborados pelas comunidades religiosas pesquisadas.

Na última sessão da *Debates do NER* são apresentadas resenhas dos livros *O Reino e a Glória: uma genealogia teológica da economia e do governo*, de Giorgio Agamben, *Os mortos e os vivos: uma introdução ao espiritismo*, de Reginaldo Prandi, e ainda, *A Festa de Nossa Senhora dos Navegantes em Porto Alegre: sincretismo entre Maria e Iemanjá*, de Ari Pedro Oro e José Carlos Gomes dos Anjos.

*Carlos Alberto Steil*  
*Rodrigo Toniol*